

MÁRCIA DENSER REVISITADA

*Igor Azevedo de Albuquerque**

Resumo:

A presente comunicação pretende investigar, tomando como base as relações entre a obra e a vida de Márcia Denser, sua trajetória como escritora e a inserção de seu nome no campo literário brasileiro. A obra da escritora paulistana, desde seu exórdio nos anos 70 até hoje, vem se construindo através da mise-en-scène de uma particular voz narrativa que, desestabilizando os *tópoi* clássicos de autor, personagem, ficção e autobiografia, produz um amálgama entre essas instâncias e propõe novas regras para o jogo jogado entre escritor e leitor. Através da articulação dos conceitos de autoria, autoficção e performance, a pesquisa fará seu percurso teórico para analisar os contos, romances de Denser, bem como sua produção não ficcional.

Palavras-chave: Márcia Denser, autoria, autoficção.

Nesta comunicação, proponho uma aproximação à prosa da escritora paulistana Márcia Denser. Preliminarmente, façamos uma breve sondagem sobre a superfície – afinal, tratando-se de uma autora tão pouco revisitada, não seria de todo injustificado.

Nascida em meados da sexta década do século passado, Denser não demorou a estender sua existência aos círculos literários: em 76 publica *Tango Fantasma*, seu primeiro livro, e ao longo dos anos setenta e oitenta segue publicando contos e novelas que serão reunidos nos volumes *O animal dos motéis*, *Exercícios para o pecado* e *Diana Caçadora*. Também atuou realizando antologias de contos eróticos de autoria feminina cuja repercussão deu a ela própria e a outras escritoras certa visibilidade internacional. Foi também nesse período que a crítica nacional ocupou-se de Denser para logo depois, paulatinamente, seguir tratando e retratando de outros assuntos até esquecê-la.

Quase quarenta anos depois, sugiro agora uma volta às décadas em que sua escrita florescia ensaiando um exercício crítico que passa por uma vereda quase ignorada das letras nacionais. No universo ficcional de Denser, os corpos descrevem as suas órbitas motivados pelo movimento e força do desejo, e se é redundante dizer que tudo que é humano é movido por alguma sorte de desejo, esclareço: trata-se do desejo sexual, ou, para ser ainda mais preciso, do desejo carnal. A condensação e

* Mestrando em Literatura pela Universidade de Brasília. E-mail: lamabai@gmail.com

amadurecimento de sua escrita pode ser observada no volume *Diana Caçadora*, cujo título, mesclando ironicamente humor e mitologia greco-romana, adianta o motivo da inescrupulosa caça de carne humana para satisfação do apetite sexual voraz da principal narradora de Márcia Denser, Diana Marini.

“Foi no final das competições de 1980 que o vi pela primeira vez: duas pernas de gorila espetando minhas pupilas, fazendo-me rir daqueles membros disformes, desenvolvidos ao limiar da obscenidade muscular, juntas preparadas para jogos finais, modeladas com dores e abstinência e uma outra mulher ao meu lado cutucou-me dizendo como eram belas, são de um animal de raça, mas isso ela não disse, sugeriu, com o mesmo impulso de olhos e quadris, fixando em minha mente o conceito, letreiros peludos que desceram pela minha testa e com os lábios acariciei, projetando-os novamente naquelas pernas, duplo movimento circular e ondulado, caminhos de prazer e dor, sempre o mesmo retorno.” (Denser, 2003, p. 145)

O trecho é a apresentação de uma presa da narradora, o atleta com quem acabará em uma das inúmeras camas redondas de motel tão caras a seus enredos. À parte as afinidades plásticas compartilhadas com a objetiva de Mapplethorpe, gostaria de chamar a atenção para a circularidade do desejo direcionando o olhar, que por sua vez inevitavelmente reincidirá *ad nauseam* sobre outros corpos para que seus contos funcionem. A caçadora aludida no título não é a virgem irmã de Apolo, deusa identificada com a natureza e os animais; a Diana de Denser vive em meio à poluição da pauliceia desvairada e a única pureza que pretende preservar é a dos camparis, que toma sem gelo. Nesse estado de coisas, o leitor nunca deve entrar com tudo, “jogar de verdade”, estritamente a sério, muito menos selar pactos com o texto.

Essa brincadeira envolvendo signos da cultura erudita e da vida cotidiana é a superfície. Mas também há um jogo de identidades entre a própria figura da escritora e as suas personagens. Se esse jogo não se dá a partir da homonímia, em outros aspectos a narrativa aponta fortemente para o referencial da vida de Denser, das experiências potencialmente vividas por ela, a pessoal por detrás do texto, e que agora aparecem nobremente trajadas com as vestes da ficção.

Assim como Denser, Diana trabalha como jornalista e escritora. É mulher, e, vivendo os brasileiros anos 70-80 pós(?)-revolução sexual, o gênero pode nos ajudar a operar uma leitura mais eficiente de suas estratégias. Falar sem reservas e explorar o erotismo não era a postura mais recorrente para as moças da época, (menos ainda dar tratamento tão sofisticado em ficção). Suponho que, para além de uma suposta ânsia por

inovação e irreverência, Denser se vale do discurso erótico para atrair enviesadamente sobre si mesma a atenção do leitor.

Historicamente, se usasse o erotismo em seu discurso, a escritora transgredia a separação tácita existente entre esfera pública e privada, tornando-se ela própria “mulher pública” ou prostituta – a mulher pública por excelência – e quem ousasse agir em público arriscava-se a ser identificada dessa forma, isto é, como tabu. (Denser, 2009)

Dito em uma crônica de 2009, esse trecho remete à estreia da escritora, na abertura de *Tango Fantasma*, onde diz: “Como sentir-me Madalena, a adúltera bíblica/ Puta mais temida do universo?/É possuir o elemento amoral e gratuito?” (Denser, 2003, p.194) Ora, diante de todos esses elementos, é simplesmente o fato de publicar os textos como ficção que organizará e equalizará o horizonte de expectativas do leitor no sentido de separar o que foi vivido pela autora daquilo que é narrado pela personagem? Logo as experiências dela, da autora mulher falando sobre, de, e no sexo o tempo inteiro principalmente pela voz de uma personagem tão semelhante a ela mesma? Por outras vias que não a da inserção no nome próprio, não estaria Márcia Denser (muito embora Diana Marini tenha nas iniciais M e D invertidos) inserida na tradição da autoficção?

Desde seu exórdio nos anos 70 até hoje, a trajetória da escritora vem se construindo através da mise-en-scène de uma particular voz narrativa que, desestabilizando os *tópoi* clássicos de autor, personagem, ficção e autobiografia, produz um amálgama entre essas instâncias e propõe novas regras para o jogo jogado entre escritor e leitor.

Embora a questão esteja mais complexamente tratada no conto recente “O quinto elemento”, hoje chamo atenção para “Welcome to Diana”, dos anos 80.

O conto é uma das experimentações mais ousadas de toda a prosa denseriana. Nela, Diana Marini se relaciona com um escritor português em visita ao Brasil chamado de Fernando Coelho, disfarce para o escritor Antônio Lobo Antunes. “estava apaixonada por este Fernando Coelho – e veja que não é por ironia que altero a zoologia do teu nome...”.(Denser, 200, p. 40) Mais tarde também dirá que escreveu *os cus de Judas*.

O caso de Diana com Fernando Coelho é curto e conturbado. O nome do personagem é um disfarce para o nome real do escritor Antônio Lobo Antunes, mas refere-se também ao coito apressado: “Tudo se passou em minutos, da espessura dum olhar, sem que nos ocorresse tirar casacos ou pedir bebidas.” O que não impede Diana

de se apaixonar por Fernando e de, no dia seguinte, dar um escândalo durante um coquetel com a imprensa. Depois de provocar o escritor, Diana recebe um tapa no rosto e é conduzida por Fernando até um táxi, onde o conto se encaminhará para o final. Quando chega ao seu destino, Fernando pede para que o motorista siga com Diana e atira ao colo dela um bolo de notas – revisitando o motivo patético do cliente que joga dinheiro à prostituta. Diana conta o dinheiro e percebe que tem em mãos setecentos dólares – quantia considerável em relação ao câmbio da moeda brasileira e à inflação. O taxista, então, pergunta: “para onde, dona?”, ao que Diana responde que siga para o aeroporto.

Chamo atenção para esse caso por ter a impressão de que Denser incorpora muito claramente elementos extratextuais à narrativa e desestabiliza limites de modo muito semelhante àqueles lidos como “autoficcionistas”. Coloca-se os holofotes sobre os bastidores do campo literário e, sob forte luz, está o caso de amor protagonizado por ela e Lobo Antunes. Há o questionamento de um *éthos*, através das técnicas proporcionadas pela ficção, que beira a inconveniência do universo do *gossip*. Afinal, mesmo sendo possível que nada do que foi narrado tenha realmente acontecido (isto é uma obra de ficção, qualquer coincidência com a realidade é mera coincidência...), a construção oblíqua entre *persona* de escritora e personagem conduzem a um campo altamente instável, e os pressupostos que sustentam os pactos autobiográfico e romanescos insinuam-se embaçando as vistas pretensamente são do leitor incauto.

Provavelmente, os conceitos que trabalham e se fazem nas brechas, intersecções e (não) se constituem híbridos e escorregadios nos servem, de alguma forma, para ler Márcia Denser. Welcome.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DENSER, Márcia. (2003) *Tango Fantasma & Diana Caçadora*. Cotia, SP. Ateliê Editorial.
- _____. (2009) *Erotismo & Preconceito*. *Jornaleco*. Disponível em: <http://www.jornaleco.net/MarciaD/erotismo.htm>. Acesso em: 10 jun. 2013.